

História de Vida: Trabalho Assistencial do Irmão Francisco Galliani com Hansenianos em Parintins-Am na década de 1970

SOUZA, Juliete Batalha de¹
Universidade do Estado do Amazonas

SOUZA, Julielza Batalha de²
Universidade do Estado do Amazonas

Resumo

Tomamos como objeto de estudo a vida de Irmão Francisco Galliani, focando em seu trabalho assistencial com os hansenianos na década de 1970 em Parintins. Fundamentamos a partir da análise das narrativas dos colaboradores que lhe conheceram e acompanharam a trajetória de seu trabalho, no qual marcou sua vida como ser humano dedicado e comprometido com pessoas portadoras de hanseníase, uma causa de grande teor e reconhecimento onde lutou até o fim de sua vida. Mas apesar das dificuldades conseguiu desenvolver seu trabalho assistencial e deixar seu legado para que pudessem dar continuidade. Por isso resolvemos resgatar a sua história e mostrar através da nossa pesquisa o que muitos desconhecem a respeito desse missionário enviado pelo PIME. Contudo, as dificuldades não impediram a sua ação. No início foi desenvolvendo trabalhos voluntários com pessoas enfermas portadoras de tal doença. Sua preocupação foi ampliar o reconhecimento dessa obra social de fundamental importância para os hansenianos. Os resultados obtidos mostram o que representou a sua persistência e determinação em realizar campanhas esclarecedoras, não só para os familiares dos enfermos, mas também para a sociedade de modo geral, para esse grupo marginalizado e excluído socialmente.

Palavra-chave: Irmão Francisco Galliani, Hanseníase, Hansenianos, Trabalho social.

Abstract

We take as an object of study the life of Brother Francisco Galliani, focusing on his assistance work with the Hansenians in the 1970s in Parintins. Based on the analysis of the narratives of the collaborators who knew him and followed the trajectory of his work, in which he marked his life as a human being dedicated and committed to people with leprosy, a cause of great content and recognition where he fought until the end of your life. But despite the difficulties he was able to develop his care work and leave his legacy so that they could continue. That is why we have resolved to rescue its history and to show through our research what many are unaware of the missionary sent by PIME. However, the difficulties did not impede its action. In the beginning, he developed voluntary work with sick people with such disease. His concern was to broaden the recognition of this social work of fundamental importance to leprosy. The results show what represented their persistence and determination to carry out enlightening campaigns, not only for the relatives of the patients, but also for society in general, for this marginalized and socially excluded group.

Key-Words: Brother Francisco Galliani, Leprosy, Hansenians, Social work.

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Historiadora: juliesouza_pin@hotmail.com

² Graduada em História pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Professora. Pós-graduanda em História e Geografia pela Faculdade Integrada do Brasil-FAIBRA: julielza.batalha@gmail.com

Introdução

O objetivo do nosso trabalho foi mostrar a história de vida do Irmão Francisco Galliani como líder de um trabalho assistencial com os hansenianos na década de 1970 em Parintins. Na época a Organização Mundial da Saúde havia recomendado o emprego da poliquimioterapia no Brasil e, paralelamente a isto, começou um movimento com o intuito de minimizar o preconceito e o estigma contido no termo “lepra”. Assim, oficialmente no país foi abolido o uso da palavra lepra e seus derivados, passando a ser designada como “hanseníase”. Vivíamos os primeiros impactos de enfrentar o incômodo social e o medo decorrente da doença.

O estudo clássico sobre hanseníase, gerados no campo da Saúde Pública, trataram o social como um dos fatores de riscos e ofereceram informações rigorosamente sistematizadas sobre alguns aspectos da realidade social que se circunscreve à ocorrência dessa doença. Fundamentando-se em parte na teoria dos artigos sobre hanseníase da antiguidade a atualidade.

Apesar dos avanços das investigações científicas, a origem da hanseníase é, ainda, um ponto obscuro para os pesquisadores, existem poucos registros, referências e discussões sobre o aparecimento da doença, o que torna difícil uma abordagem. Assim, pretendemos trazer os principais registros encontrados sobre o diagnóstico, tratamento, controle de hanseníase desde a antiguidade, situações sociais, econômicas e culturais dos hansenianos.

As primeiras referências confirmadas, são descrições das doenças que foram encontradas na Índia e no Egito datadas do século VII a.C. na Idade Média, o que se sabia de hanseníase pode ser encontrado nas informações dos manuscritos deixados pelos médicos da época, assim como na arte e na literatura. Os médicos afirmaram que os maiores números de casos se localizavam no Egito/Na Europa o aparecimento da doença e sua disseminação tem referência posterior à queda do Império Romano no início da Idade Média, atingindo seu máximo entre os anos 1.000 e 1.300 d.C. Número que diminui a partir do século XVI. Uma das causas poderia ter sido a melhoria das condições de vida e outra que não pode ser descartada é que o “complexo” lepra foi se esvaziando porque as doenças cutâneas foram melhor estudadas, recebendo seus nomes definitivos. Hoje na Europa persistem focos de hanseníase em países como: Portugal, Espanha, Rússia e Turquia. Nas Américas, a hanseníase deve ter chegado com os colonizadores entre os séculos XVI e XVII. Todos os países subdesenvolvidos têm hanseníase, com exceção do Chile. Brasil é o que apresenta o

índice mais alto sendo o segundo país do mundo em números de casos. Apesar de todo o empenho para sua eliminação o Brasil tem 79.908 casos. É o primeiro em taxa de prevalência com 4,6 casos por 10.000 habitantes.

O presente trabalho apresenta relato dos colaboradores que conheceram e acompanharam a trajetória da obra assistencial de Irmão Francisco Galliani na década de 70 e, sua importância na vida dos hansenianos parintinenses e a forma como esses dados foram coletados. Em todos os institutos missionários que escolheram trabalhar nos limites extremos da sociedade, há uma extensa lista de missionários (a) religiosos, ou leigos nesse campo com o trabalho dos missionários e irmãs carmelitas que trabalhavam em Parintins.

O bacilo HANSEN, uma vez desenvolvido a doença, aloja-se nos periféricos, provocando manchas e módulos, principalmente no rosto, ulcerações na palma do pé e nas mãos, perda de pelos, inclusive os da sobrancelha e dos cílios, insensibilidade das extremidades, entre outros sintomas. Essa deformação física, característica da própria doença, a falta de informação sobre o modo de transmissão e controle ou cura, e o da exclusão social, acompanhava os hansenianos, tornando a hanseníase uma doença temida.

Por isso nos prendemos as evidências das narrativas e inserindo inclusive, no decorrer das discussões, a falta literal dos nossos colaboradores autenticando e dando validade as nossas declarações. Nisso dispuseram as categorias de análise e início da assistência aos hansenianos em Parintins, Irmão Francisco Galliani e os hansenianos que, por sua vez contundentes, revelaram a simplicidade e a espontaneidade dos nossos colaboradores em questão. Os referidos depoimentos são fontes inéditas historicamente constituída e, disponibilizados neste artigo sobre o tema aqui proposto.

1 O Início da Assistência aos Hansenianos em Parintins

Hanseníase: Identificamos através de relatos que a assistência aos hansenianos em Parintins, iniciou em 1970, tendo como pioneiro o então Padre Gino Malvestio, que posteriormente foi o terceiro Bispo de Parintins, que ao tomar conhecimento que as pessoas portadoras da hanseníase eram abandonadas por seus familiares e pela sociedade, passou a procurá-los e abrigá-los primeiramente na Olaria Pe. Colombo e depois na Ilha da Paz. A referida Ilha pertence à comunidade do Aninga, a qual se tem acesso por um canal, que foi comprada pelo Padre Dom Gino Malvestio, com a ajuda da Prelazia de Parintins na pessoa do Bispo Dom Arcângelo Cerqua, para abrigar os hansenianos. Seu nome anterior era Ilha das Curubas, passando a chamar-se de Ilha da Paz por inspirar tranquilidade.

Quando o Pe. Gino estava exaltado, ia para lá por ser um lugar de confraternização e paz, sendo que seu antigo dono era meu avô, Manoel Leocadio, e após a sua morte passou a construir uma herança familiar, fato esse, que fez com o que o Padre Gino nesse falar com a minha tia e o marido dela sobre a compra (entrevista com a Sra. Ana Barros).

A hanseníase é uma doença infecciosa, de evolução crônica predominantemente nos nervos periféricos e, secundariamente, pele e mucosas. Seu agente etiológico é o *Mycobacterium Leprae* descoberto em 1873 pelo cientista norueguês Gerhard Armauer Hansen, morfológicamente semelhante ao bacilo causa dor da tuberculose. Os principais sintomas são: atrofia nervoso, o surgimento de manchas esbranquiçadas ou avermelhadas na pele, dormência, caroços nas orelhas e queda de pelos. O bacilo provoca insensibilidade dos membros o que coloca o portador em sério risco. Ao contrário do que pensa, não é doença que causa a amputação de membros. Como os ferimentos, passam despercebidos devido à perda do tato, o doente deixa de tratá-lo, isso acaba causando putrefação e conseqüentemente perda da área afetada.

A infecção ativa pelo *M. Leprae* é caracterizado por uma grande variabilidade no curso clínico, variando de uma doença paucibacilar no qual uma grande carga bacilar está presente nas lesões.

A detecção e o tratamento dos casos são ainda, na atualidade, os principais métodos usados para combater a hanseníase visando à interrupção da cadeia de transmissão de doença.

A hanseníase já foi objeto dos mais diversos tipos de tratamento, sendo que no final da década de 1940, foram publicados dois relatos de experiências de tratamento com a sulfona-mãe (dinâmico-dedifenilsulfona), demonstrando bons resultados terapêuticos e baixo custo financeiro. A da psona (DDS) formou-se então como principal droga anti-hanseníase e estratégica para o controle da doença na década de 1950. Posteriormente, a partir de 1962, clofazimina (CEZ) e a rifampicina (RPM) também começaram a ser utilizadas. No final dos anos 70 e início dos anos 80 introduziu-se a quimioterapia combinada com três drogas consideradas as melhores: DDS+CFZ+RMP. A PQT/NOS começou a ser implantada no Brasil em 1986 e em 1991, foi adotado oficialmente pelo Ministério da saúde (MS), sendo o tratamento poliomioterápico recomendado para todos os casos de hanseníase.

Dos tempos bíblicos ao período moderno, a hanseníase foi descrita como uma doença que causava horror por conta da aparência física do doente, não tratadas lesões ulcerante na pele e deformidades nas extremidades e associadas a estigma, os mais diversos. Em Parintins

não podia ser diferente o povo temia a doença, acreditando ser uma condenação, fazendo com que evitassem os doentes, temendo serem contaminados, a questão era cultural, estava na mentalidade do povo. A crença que a doença contaminava fazia com que o povo praticamente fugisse tanto que para um doente viajar para Manaus, embarcavam o doente em uma canoa, que era puxada por um cabo, atrelado a popa do motor, isto é, rebocada em período em que a viagem demorava de três a quatro dias, agravando o estado do doente.

Naquele tempo a pessoa que descobria que tinha hanseníase e principalmente quando começava a aparecer as feridas, escondiam-se, porque as pessoas tinham medo de chegar perto (entrevista com o Sr. Raimundo Gonçalves).

A falta de orientação levava as pessoas a temerem a doença, fazendo os mesmos evitarem de procurar ajuda médica, com isso ocasionando a infecção de várias pessoas, o que levou o Bispo Dom Arcângelo a procurar um lugar para esses enfermos. Segundo os nossos colaboradores se concretizou no dia 20 de agosto de 1970, quando adquiriu a Ilha da Paz.

A hanseníase é uma das doenças humanas transmissíveis e curáveis, que ataca os nervos periféricos e a pele. A doença já foi conhecida de forma errada e com trágicas consequências pelo nome lepra, que significa escamoso em grego e designava, na Antiguidade, doenças que hoje conhecemos por hanseníase, e eczema e outras dermatoses. A medida que suas causas foram descobertas, essas doenças passaram a ter denominação apropriada.

Em tradução da Bíblia, ainda se encontra a palavra lepra (Levítico, cap. 13,14) descrevendo doenças que são diferentes da hanseníase. Por essas razões, as palavras lepra e leproso estão associados a ideia de impureza, podridão, nojeira, é anticientífico, irracional e desumano considera-las como sinônimos de hanseníases. Como observou o grande escritor inglês Graham Grenne, “lepra” é uma palavra, não é uma moléstia.

A hanseníase tem esse nome em homenagem ao médico norueguês que descobriu em 1873, o micróbio causador da infecção. O termo hanseníase está oficialmente adotado no Brasil desde 1976 e tornou-se lei (nº 9010 – DO de 30/03/95). Sendo que qualquer que seja a forma de hanseníase, a cura acontece utilizando-se medicamentos que provocam a morte dos bacilos. Porém se o tratamento for tardio ou inadequado, a pessoa fica com sequelas (deformidades), mesmo já estando curada da infecção.

As pessoas curadas, mas com alguma deformidade por menor que seja, precisam apenas aprender a se cuidar para evitar traumatismo e ferimentos que podem originar outros

problemas. Os primeiros sinais da doença são pequenas manchas dormentes, não é mancha de hanseníase a dormência significa a perda da sensibilidade ao calor e ao tato. Isso é facilmente verificado pelo médico ou outro profissional treinado.

Detectamos nas narrativas o profundo abandono em que viviam os portadores de hanseníases, devido à falta de informação e conseqüentemente o medo da doença fazendo com que as pessoas não declarassem a mesma, gerando um agravante ao doente se não procurasse ajuda, vindo a causar danos irreparáveis, não só físicos como morais.

2 Irmão Francisco Galliani

Descrevemos a trajetória de Irmão Francisco Galliani e seu trabalho assistencial com os hansenianos, através dos depoimentos coletados com nossos colaboradores.

Irmão Francisco Galliani nasceu em Rocca Franca (Brescia, Itália) no dia 03 de março de 1925, penúltimo de dez irmãos. Podemos dizer segundo os nossos colaboradores, se tratar de um homem bonito, contando com mais ou menos 1,85 cm de altura e uma boa compleição física, eles inclusive são unânimes em afirmar que ele era grande e forte. Outro ponto em comum entre eles ao referir-se ao Irmão Francisco está relacionado ao gênio, que segundo as narrativas se tratava de um homem bravo e barulhento demais, que falava palavrões sem nenhuma piedade, extremamente impaciente.

Era um verdadeiro vulcão, atingindo os colegas, padres, autoridades, crentes, etc., não diferenciando ninguém. Frequentou o Instituto Salesiano de Chivari, no qual aprendeu a profissão de marceneiro. Aos 19 anos entrou para o PIME como leigo, e depois de uma demorada preparação, aos 12 de setembro de 1954 se consagrou definitivamente ao Instituto Missionário e ao trabalho missionário. Chegou em Parintins no ano de 1956, para ajudar o PIME, na construção da Rádio Alvorada.

Em 1956 pelo que eu tenho conhecimento o PIME precisava inventar em Parintins, na área de catequese, assim como também evoluir, fazendo com que trouxessem Irmão Francisco Galliani como marceneiro, o Pe. Colombo como mecânico e o Irmão Bruno como eletricitista. Eles vieram para ajudar, cada um na sua área a implantar o sistema PIME, em Parintins (Entrevista com o Sr. Benedito Marinho)

Quando chegou em Parintins em 1956, Irmão Francisco Galliani que havia vindo para ajudar a missão, exerceu a função de marceneiro por dez (10) anos. Em um primeiro momento trabalhou na casa do Bispo, onde abriu uma espécie de escola profissionalizante, para ensinar os jovens da época com o ofício de marceneiro.

Eu conheci o Irmão Francisco Galliani em 1959, quando foram me buscar lá no Tracajá interior de Parintins, porque tinha passado na prova de admissão do Colégio do Carmo, mas não tinha dinheiro para pagar as aulas, que eram particulares. Então foram me buscar para que voltasse a estudar, e foi aí, que o Dom Arcângelo me apresentou ao Irmão Francisco Galliani, para que pudesse ser aprendiz de marceneiro e pagar as minhas aulas (entrevista com o Sr. Benedito Marinho).

Com a morte de Pe. Colombo em 1962 passou a administrar a Olaria Padre Colombo por alguns anos, depois foi para Barreirinha fazer as portas e janelas da Casa dos Padres, que estava sendo constituída. Em seguida foi para o Marau em virtude de o Bispo ter aberto uma missão no local em meio aos indígenas. Na área indígena, segundo a revista Vincolo n° 188, constituiu uma escola, para ajudar os índios a adquirirem uma noção básica do conhecimento, relacionado ao cultivo da terra, plantação de árvores frutíferas e a formar uma cooperativa no sentido de valorizarem os próprios produtos, assim como também pequeno laboratório para medicação e distribuição de remédios. Em consequência de tantas atividades, exercidas por dez anos, ficou esgotado fisicamente e foi a Itália de férias. Quando retornou das férias deu continuidade ao seu trabalho de marcenaria por mais alguns anos.

Contudo, só em 1974 tomou uma importante decisão em sua vida, influenciado por doente de hanseníase que encontrou dentro de canoa trazida pelo vento na época em que trabalhou na Olaria Pe. Colombo, cuidando dos hansenianos. Essa decisão o fez voltar à Itália e em seguida ir a Espanha, onde está focalizado o melhor Instituto de Formação em Hanseníase e doenças tropicais. Diplomou-se em médico, em seguida retorna a Parintins para cuidar dos portadores do bacilo de Hansen. Trabalho que realizou até 1997, quando teve que retornar a Itália no dia 14 de outubro do referido ano. O Irmão Francisco estava tão magro quase irreconhecível, entretanto a separação durou pouco, às 15:00 hs do dia 25 de outubro do mesmo ano deixou este mundo, tinha 72 anos.

Eu lembro que eu estava em casa, e minha mulher disse: Raimundo o Irmão vai viajar, ele quer que vá falar com ele, eu fui cheguei lá ele olhou para mim e disse: olha! Eu vou para a Itália Raimundo, eu estou doente, eu vou para a Itália e não voltou mais [...] eu fui ao aeroporto, a gente conversou, ele viajou... (entrevista com o Sr. Raimundo Gonçalves).

Morreu em Leco, Itália de cirrose hepática, em decorrência de uma hepatite malcuidada, pois o mesmo havia protelado o tratamento por muito tempo, por ter ficado preocupado, segundo os relatos com a direção da Casa Padre Vittorio e com a continuidade do

seu trabalho. Segundo, os relatos que nos foi contado, que ao chegar a Itália a procura de tratamento o médico que o atendeu disse: “você me trouxeram um cadáver”.

Constatamos através dos relatos que o Irmão Francisco era um homem dinâmico e ciente de suas convicções, não medindo esforços para realizar os trabalhos para o qual era designado, principalmente em prol dos necessitados, cuja influência tinha raízes em sua infância carente, pertencia a uma família humilde, que impulsionou o seu trabalho missionário.

O Irmão Francisco nos contou que um fato que marcou sua infância foi retornar para sua casa, para o final de semana, e encontrar seu irmão chorando no meio da estrada, em meio aos bens da família [...] eles eram arrendatários, não puderam pagar o arrendamento da terra (entrevista com. Raimundo Gonçalves).

O PIME (Pontifício Instituto das Missões Exteriores) nasceu no dia 30 de julho de 1850, em Sorzano (região de Milão na Itália) para fundar novas comunidades de fé, para impulsionar as Gentes ou “além-fronteiras”, para ajudar os necessitados entre eles os de Hanseníase.

Irmão Francisco Galliani iniciou seu trabalho com os hansenianos de forma organizada em 1976, mas anteriormente já havia prestado assistência a esses doentes, foi em 1974 que tomou a decisão de priorizar a ajuda a esses doentes marginalizados por suas próprias famílias e pela sociedade, porém não tinha qualificações necessárias, levando este a ausentar-se por um ano buscando formação para o exercício dessa atividade.

Durante o período que exerceu a função de marceneiro, observou o abandono em que se encontravam os hansenianos e a forma de tratamento executados por Pe. Vittorio Giurin e Irmão Bruno, suscitando nele a vontade de ajudar, no entanto faltava o conhecimento técnico, o que levou a buscar segundo as narrativas levado principalmente pelo fato de haver encontrado um doente abandonado dentro de uma canoa.

3 A Assistência aos Hansenianos

Inicialmente trabalhou na Ilha da Paz chamada assim por pessoas que iniciaram esse trabalho, visando criar um ambiente sereno e de paz para esses doentes que viviam quase como condenados, para que pudessem ter a experiência de sentirem-se amados por algumas pessoas.

Através de investigação, verificamos que o trabalho exercido por Irmão Francisco Galliani foi de fundamental importância dentro da sociedade de Parintins principalmente pelas condições necessárias para o atendimento desses doentes.

Na administração do Irmão Francisco Galliani houve organização na assistência aos hansenianos. Sendo uma pessoa muito cuidadosa e esclarecida, conversou com os doentes sobre as doenças e suas consequências físicas e morais, pedia para cultivarem a paciência. Na chegada de um novo paciente, o chamava para um a conversa, e fazia um curativo, se houvesse necessidade. Com a organização da assistência o Irmão Francisco passou a ser muito procurado pelas pessoas doentes, inclusive pelas cidades circunvizinhas. A forma de organização consistia na construção de quarto para cada hanseniano, curativos feitos por ele próprio, lavando as chagas com água oxigenada e depois com mercúrio, ministrava o uso da surfa, remédio antibiótico usado no tratamento de hanseníase da época. Na questão de prevenção, explicava aos doentes e seus familiares os cuidados que deveriam tomar com a doença e a forma de contagiar, assim como o tempo de tratamento, que variam muito, mas chega a curar.

O Irmão Francisco construiu uns quartos para abrigar esta gente, que começou a procura-lo [...] fazia curativo e os médicos faziam exames periodicamente e encaminhavam para o hospital Alfredo da Matta em Manaus. Ele administrava também o remédio antigamente era sulfona [...] o tratamento durava de seis meses a um ano, podendo acabar com a doença, não deixando sequelas se tratada a tempo. Uma pessoa pode viver a sua vida normal (entrevista com o Pe. João Andena).

Dando sequência ao trabalho, contratou um auxiliar de serviços gerais, que tinha a função de cozinhar e manter tudo organizado contava também com a ajuda de ex-alunos da escola profissionalizante João XXIII, da qual anteriormente foi responsável pela parte de marcenaria, seu trabalho continuou inclusive fazendo outro curso de especialização, como em 1977 no Hospital Alfredo da Matta, onde foi acompanhado de ex-aluno, com quem mantinha um convenio. Coletava o material dos doentes que era enviado para ser feito análise em Manaus.

Um dia eu olhei para o dedo do pé do meu pai [...] estava muito preto, então eu disse para o Irmão vamos lá em casa hoje ver o meu pai [...] nós fomos, ele examinou o pé do meu pai todinho e depois disse assim, vamos embora, olhe eu mando o remédio pro senhor, o senhor vem tomar direitinho, então ele me disse o seu pai é diabético e não sabe, está todo podre o pé dele [...] outro vez fomos à Igreja e ele viu um rapaz, bastou olhar para o pé dele para

saber que estava com hanseníase (entrevista com o Sr. Raimundo Gonçalves).

Detectamos nas narrativas dos colaboradores que o trabalho de assistência aos hansenianos, desenvolvidos por Irmão Francisco, veio suprir as necessidades, em virtual do trabalho curativo e preventivo. Ele esclarecia as dúvidas dos doentes, informava sobre a doença, processo e cura por ter preparação adequada, ministrava o tratamento. Até então Parintins não contava com um local para atender as necessidades desses doentes, sendo que o Irmão vivia em busca de novos tratamentos, para melhor atender a sua clientela.

Um dia, um desses hansenianos teve um problema de coração [...]. Aí, ele foi lá no SESP e falou: tenho um doente que está com problemas e eu não tenho condição de atendê-lo é com vocês! E recebeu como resposta: Olha não temos condições de atendê-lo, portanto o senhor não pode trazê-lo, ele pegou o doente e levou ao hospital dizendo: Este é um cristão e um filho de Deus, é um brasileiro, tem direito de ser tratado como os nacionais que estão aqui né! Aí saiu um médico que lhe arranhou um quarto, mas disse que ele cuidaria do doente [...] todos os dias por três meses, ele foi lá cuidar do seu doente e levava comida de manhã, tarde e noite [...] no fim eu tenho esse testemunho muito bonito que ele me contou. O paciente lhe apertou a mão e disse: Olhe, eu agradeço ao senhor porque me tratou como gente, me sinto com o senhor como um ser humano, too morrendo em paz por isso (entrevista com o Pe. Henrique Uggê).

Segundo os relatos o atendimento desse doente abriu precedente para que outros doentes de hanseníase pudessem ser atendidos no Hospital do SESP, inclusive o médico em questão teria falado: Olha Irmão, de agora em diante, quando o senhor precisar, aqui tem essa pequena sala para tratar os seus doentes. Outra dificuldade enfrentada pelo Irmão Francisco Galliani era relacionada às famílias, muitas vezes inclusive ocultava o fato, fazendo com que o Irmão fosse a procura dos doentes em suas casas devido as informações adquiridas com os outros doentes. Constatamos na entrevista com os nossos colaboradores que o preconceito com os portadores dessa doença, era devido à falta de informação, fazendo estes serem abandonados pelas famílias, vivendo marginalizados e isolados da sociedade.

Relacionado a parte financeira, o Município pagava a auxiliar de serviço gerais, primeiro na pessoa do prefeito Benedito Azedo e, posteriormente do Prefeito Raimundo Reis Ferreira. A parte alimentícia, sapato, roupa, remédios, mercúrio algodão etc. ficava por conta dos Cursilistas, Senhoras do Apostolado da Oração, e demais pessoas de boa vontade que visitava a Ilha da Paz aos sábados e domingos.

Através da análise percebemos a falta de apoio e as dificuldades enfrentadas pelo Irmão Francisco Galliani no desenvolvimento do seu trabalho, cuja ajuda financeira era proveniente em maior percentual era de origem filantrópica.

Em decorrência da distância, do difícil acesso da falta de uma construção adequada e próxima de um hospital e principalmente do isolamento, o Irmão Francisco resolveu mudar-se da Ilha da Paz para um local que atendesse as suas necessidades. Com esse objetivo em mente viajou para a Itália e procurou o superior geral do PIME, e pediu autorização para construir aqui em Parintins, uma casa para atender aos leprosos. Ao retornar deu início a construção da Casa Padre Vittorio Giurin, em homenagem ao Pe. Que possui este nome, que foi o primeiro a idealizar esse trabalho, era seu amigo e morreu jovem de câncer no pâncreas. O terreno para a construção, ele conseguiu uma parte doada pela Sra. Arlete Santiago, a outra parte comprou aos poucos com o dinheiro de amigos e benfeitores italianos e do PIME. A princípio era somente uma casa em mal estado, coberta de palha, entretanto no mesmo ano ele mudou-se da Ilha da Paz para a casa Padre Vittorio.

Lembro que ele mudou da Ilha, porque era longe e ele queria ficar mais perto, queria um lugar que estivesse lá, que não fosse só de vez em quando, o novo local, ele me falou, que ele mesmo quem comprou o primeiro prédio era só a parte onde é a frente [...] quando aprontou, foi pegar as pessoas da Ilha da Paz (entrevista com o Sr. Raimundo Gonçalves).

As atividades desenvolvidas para o controle da hanseníase pelo Irmão Francisco no Estado do Amazonas até o ano de 1990 consistia em: exames dermatológicos, descoberta de doentes de hanseníase, tratamento de paciente de MH OD E DST, trabalho pelos rios Purus e Amazonas, visitas nas famílias, atendimento hospitalar, exames complementares de laboratórios, tratamento fisioterápico e reabilitação, auxiliar nos treinamentos de pessoal, ajuda econômica aos doentes e famílias, campanhas de orientação e educação de base.

A profunda dedicação do Irmão Francisco Galliani e a forma como desenvolveu o tratamento, levando o povo buscá-lo, superando o medo e o preconceito. Realizando esse trabalho, transformou a sua vida, dedicando-se a causa dos necessitados, principalmente dos hansenianos, por serem maltados e marginalizados. Ele um homem extremamente impaciente e inquieto, mas na presença dos doentes sofria uma transformação, pois se tornava uma pessoa calma e carinhosa tratando-os com uma extraordinária delicadeza e eles sentiam-se gratos.

Quando ele sentiu que não podia mais fazer esse trabalho devido à sua idade e a debilidade física, chamou a Fundação Marcelo Cândia para ter respaldo e o PIME: Para que outro Irmão pudesse dar continuidade ao seu trabalho. Primeiro veio um leigo, que voltou para a Itália por haver casado, posteriormente veio o Irmão Silvio Morette que dirige atualmente a Casa Padre vittorio.

Na análise das narrativas detectamos a importância do trabalho do Irmão Francisco Galliani, que conseguiu vencer o preconceito e reverter a incidência, que era praticamente endêmica naquele tempo, por ter uma porcentagem superior ao normal para a nossa região. Ele conseguiu praticamente eliminá-la.

A satisfação dele era ver uma pessoa curada, serena tranquila [...] ele trabalhava com amor, com dedicação, mas também com profissionalismo [...] ele para cuidar de um doente, não tinha noite e não tinha dia, nem feriado, nem domingo[...] ele praticamente entregou a vida para servir as pessoas (entrevista com Pe. Henrique Uggê).

Percebemos nos depoimentos dos nossos colaboradores que o Irmão Francisco Galliani se dedicou a suas causas, enfrentando muitas dificuldades fazendo esse trabalho praticamente sozinho, conseguindo as coisas que necessitava pedindo ajuda na Itália e dos movimentos da Igreja. A dedicação e a preocupação eram tantas que quando adoeceu disse: “Eu vou e quem vai tomar meu lugar [...] eu não volto mais [...], mas os meus doentes estão aqui e eu amo demais este povo e esta terra...” (entrevista com Pe. Henrique Uggê). E dessa forma detectamos nas narrativas o seu senso de responsabilidade para com seus doentes.

Ghandi deixou escrito que a assistência aos leprosos era tão cara aos missionários porque nenhum outro serviço ao próximo requer um espírito de renúncia e doação maior que esse. Na Índia em 1956, o governo reconhecia que 80% dos hansenianos do país eram curados por católicos e protestantes. Na História do cristianismo, desde o exemplo de Jesus Cristo que curou e reinseriu na sociedade os doentes, é grande o elenco dos que, por espírito de doação, se dedicaram aos leprosos até partilham com eles a mesma doença. Em todos os Institutos Missionários que escolheram trabalhar nos limites extremos da sociedade há uma extensa lista de missionários, missionárias, religiosos ou leigos que se dedicaram a esse serviço. O PIME, também se destacou nesse campo trabalhando em Murituba, Periferia de Belém e em Parintins no Amazonas.

4 Procedimentos Metodológicos

Durante nossa investigação contamos com o auxílio de alguns métodos e procedimentos que serão descritos neste item, pois ajudaram na compreensão sobre o nosso tema e objetivo. O primeiro deles foi o método de História Oral, sendo que estamos trabalhando com a memória de um povo, com fatos e histórias presentes em seu cotidiano e, esta veio a intervir em nosso entendimento para que pudéssemos fazer uma relação com os fatos históricos. Segundo José Carlos Meihy

Atualmente: a História Oral tem sido uma das formas mais cultivadas do gênero. Com o próximo nome indica tratá-la da narrativa de conjunto das experiências de vida de uma pessoa (1996, p. 61).

A História Oral de vida é uma experiência muito utilizada nas culturas angloaxônicas, e tão popular quanto a biografia, sendo o que entre nós graças a corrente inglesa liderada por Paul Thompson, ter sido considerada uma tendência forte, por se tratar de uma experiência viva, um ato humano entre busca e descoberta que permeiam o trabalho do oralismo. Ela coloca a sua tensão no sujeito já que toda voz individual forma parte de um diálogo, de um encontro de conversas com o outro. Sendo que a história de Vida nos permite através dela resgatar e contextualizar um momento histórico que de outra forma passaria despercebido. “A História de Vida tem chamado atenção de pessoas preocupadas em atender a sociedade em seus efeitos íntimos e pessoais”. (MEHY, 1996, p. 61).

E nesse processo de construção nos permite resgatar através dos relatos espontâneos que virão a construir um documento histórico, e de tal liberdade que construir um dos valores supremos do ser humano, a experiência de vida como prática das realidades de sujeito que marca a presença existencial no relacionamento com o mundo, que visto através de observações dos participantes vão nos mostrar sentido da história de vida. “A História Oral de Vida é o retrato oficial do depoente [...] A verdade está na versão oferecida pelo narrador que é soberano para revelar ou ocultar os casos...” (MEHY, 1996, p.63). O surgimento da História Oral de vida constitui um gênero promissor no sentido de se compreender o conhecimento histórico e social, assim sendo procuramos resgatar uma parte da história de Parintins que ficou esquecida, nesse processo utilizamos a memória, os colaboradores, pois segundo Lucília Almeida Neves.

A memória é o melhor ponto de partida [...] na busca de construção de identidade, os sujeitos individuais e sociais mergulham nas profundidades de suas histórias [...] considerando-se a evocação do passado como substrato de memória, pode-se deduzir que, em sua relação com a História, a memória constitui-se como forma de preservação e retenção do tempo salvando-o do esquecimento e da perda [...] História e memória, por meio de uma inter-

relação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas [...] a memória passa a constituir como fundamentos da identidade,, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas, uma vez que o lembrar individual [...] relacionando-se a inserção social e histórica de cada depoente (2000 p. 109).

E nesse sentido é inevitável a busca da compreensão do conceito de memória. Considerando que segundo Sonia Freitas a História Oral tem como suporte as lembranças evidenciando uma memória coletiva. Esta última pode ser entendida como uma somatória de experiências individuais, possíveis de serem utilizadas como fontes históricas e o elaborado. Através do resgate da memória se constrói o passado.

Entrevistas, depoimentos e histórias são técnicas que vem sendo utilizadas há bastante tempo para se conhecer, ainda que parcialmente, determinados processos sociais.

E nessa perspectiva utilizando a memória como fonte de pesquisa com o intuito de mostrar a importância do trabalho assistencial do Irmão Francisco Galliani em Parintins na década de 1970. Para Lucília Almeida.

Na dinâmica da produção de documentos orais, a questão da identidade adquire, portanto, uma dimensão especial, traduzida pelo reconhecimento das similares e das diferenças, por meio do afloramento de lembranças e da construção das representações sobre o passado [...] memória e história, presentes na produção de fontes orais, são também processos cognitivos, através dos quais a identidade dos sujeitos históricos pode ser mais bem reconhecida como integrantes da trama construtiva da História (2000, p.110).

Portanto, construímos a nossa proposta, nas lembranças dos idosos que nos ajudaram a investigar o trabalho do Irmão Francisco Galliani, devido as lembranças contidas na memória dos colaboradores, complementadas por partes indicativos da história local.

Levando em conta segundo, Eclea Bosi, o velho tem memória mais definida que uma pessoa jovem e que a qualidade ambiental implica saúde tanto física quanto mental, o trabalho com o velho como narrador e sua experiência eficiente porque dá a estes indivíduos funcionalidade social, estímulo para autoestima e melhor qualidade de vida, garantindo a sua função própria: a de lembrar. Vejamos a fala do Sr. Ariosto e de Dona Alice, em entrevista a Bosi (1994):

Veja hoje a minha voz está mais forte que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo (Sr. Ariosto). Quem diria que um dia eu ia abrir o livro de minha vida e contar tudo

(interrogação). E agradeço por isso: é bom a gente lembrar. Deus te abençoe (Dona Alice).

Nesse processo utilizamos a memória das pessoas que conheceram o trabalho de Irmão Francisco Galliani no período proposto, usando uma das prerrogativas da História Oral que é dar voz a agentes históricos naturalmente excluídos da história oficial. A memória individual dessa gente faz parte da memória coletiva que por sua vez faz parte da memória social, portanto toda memória é social porque é vivida e compartilhada, tem como suporte um grupo social. Como a consciência individual está atrelado à força do coletivo, toda memória se estrutura em identidades construídas na dinâmica da história, particularmente das histórias locais. “ Memória torna-se imprescindível ao delineamento da identidade pois busca renovar o valor do conhecimento histórico, tornando-se mais aguçado o interesse em estudar o passado, em virtude da necessidade de associá-la à compreensão do presente (JUCA, 2003, p. 39).

Assim sendo, a manifestação de memórias individuais decorre da inserção delas em campos de significados do domínio coletivo, pois “no ato de lembrar nos servimos de campos de significados do domínio coletivo que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para rememoração do passado na medida em que as localizações espaciais e temporal das lembranças são essenciais da memória. ”

E nesse sentido buscamos refazer através da História Social o trabalho do Irmão Francisco com os hansenianos. Segundo, *Ciro Flamarion*.

A história Social em sentido restrito surgiria, assim, como abordagem que busca formular problemas históricos específicos ao comportamento e as relações entre os diversos grupos sociais (1997, p. 48).

Nesse aspecto, procuramos mostrar o seu trabalho através da História do Cotidiano, pois através do mesmo podemos perceber o movimento do dia-a-dia dos sujeitos da pesquisa, os acontecimentos que se repetem e que fazem a sua qualidade de vida ser do jeito que é, Segundo *Maria Aparecida*.

O mundo cotidiano é o primeiro que nos toca e no qual estamos de imediato. É nele que se se firma o solo das experiências de vida, o da construção do conhecimento [...] para o nosso ir e vir mantém nos vivos em consonância com os outros nos ambientes sociais, pelos quais transitamos e nos quais atuamos (BICUDO, 2003, p. 22).

Sendo assim o movimento do cotidiano, mostra as relações individuais e interpessoais com o mundo, seus hábitos, suas questões de prazer e desprazer, felicidade e infelicidade. Seus hábitos de nutrição, sono, repouso, recreação, lazer, atividade física, sexualidade, seus sentimentos, seus valores, símbolos e significados. Para Emília.

A memória passa a atuar como criadora de solidariedade produtora de identidade e portadora de imaginário, exigindo regra de pertencimento e exclusão que delimitam as fronteiras sociais do grupo (PIETRAFESA, 1999, p. 15).

Portanto a história de vida do Irmão Francisco Galliani e os depoimentos recolhidos serviram para retirar das sombras e dar voz a segmentos sociais que, embora façam parte da História, estiveram dela excluídos por muito tempo.

Considerações Finais

Nos relatos dos nossos colaboradores identificamos a importância do trabalho assistencial do Irmão Francisco Galliane para a sociedade Parintinense, haja vista que os hansenianos se encontravam abandonados, marginalizados e excluídos socialmente. Em virtude das ajudas anteriores restringiu a abrigos e a atenção do mesmo. Sendo, que o trabalho do Irmão Francisco foi mais além prestando ajuda e esclarecimentos através de campanhas educativas e a reintegração desses doentes à sociedade, o que fez com que o seu gesto de bondade servisse de exemplo para que outras pessoas pudessem contribuir ajudando os hansenianos que viviam a margem da sociedade e para que houvesse uma redução no preconceito.

Dessa forma, seu trabalho social fez com que as pessoas olhassem para a hanseníase e, conseqüentemente para os hansenianos, com um novo olhar ligado as causas sociais culturais, pois do ponto de vista da saúde a doença tem cura desde 1940 quando surgiram medicamentos para o controle da moléstia, não deixando sequelas renegar e ” amaldiçoar “uma doença, mas o imaginário coletivo do início do século XX era constituído de superstições e crendices. E o trabalho do Irmão Francisco contribuiu para uma mudança na mentalidade das pessoas pela credibilidade oferecida.

Nos parece que de fato, o Irmão Francisco Galliani foi uma pessoa excepcional profundamente preocupado com seu próximo, de modo especial daqueles que viviam a margem da sociedade, não desistindo diante de tantas dificuldades que teve de enfrentar, perseverando no sentido de levar adiante seu projeto de vida, que era a sua dedicação aos

hansenianos. Nessa perspectiva, suas campanhas educativas foram de fundamental importância no sentido de reduzir a exclusão dos portadores dessa doença, que mutilava e matava centenas de pessoas. Era comum ver nas cidades do interior os leprosos mendigando pelas ruas cobertos com capuzes ou chapéu para esconder a deformidade do rosto e estendendo a caridade pública latinhas amarradas em varetas, pois as mãos sem dedo causavam repulsa. E na tentativa de livrar a doença do estigma histórico causado pelo preconceito, houve a substituição do termo “lepra” por hanseníase. O Irmão Francisco, portanto, conseguiu uma brilhante atuação na luta pelo controle da hanseníase em Parintins, desde que passou a trabalhar na Ilha da Paz até a construção da Casa Padre Vittorio que hoje atua, não só no tratamento e controle da hanseníase, como das doenças sexualmente transmissíveis e, principalmente da AIDS. Transmissão, fé, esperança às pessoas doentes, se envolvendo em programas, parcerias com o Alfredo da Matta ressaltando que o trabalho do Irmão Francisco foi fundamental nesse processo tanto no âmbito econômico como social cultural.

Ao longo das narrativas dos colaboradores percebemos a importância do trabalho do Irmão na vida dos hansenianos e suas famílias devido ao desenvolvimento do seu trabalho curativo e preventivo. Fazendo-nos chegar à conclusão que se tratava de uma pessoa ímpar de um complexo, de um complexo a ser seguido.

Na década de 80, com o término da ditadura de 20 anos e a busca da democracia, assim como a realização da 8ª Conferência Nacional de Saúde recuperando os direitos dos cidadãos, foi também o momento em se perguntou o que fazer com os pacientes que ficaram décadas internados e isolados e como forma de assegurar os direitos dos pacientes e atender para o seu papel cidadão, garantindo a sua reinserção social foi criado o Movimento de Reintegração da Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Marhan), que é um dos mais bem sucedidos movimentos do Brasil, com representação no Conselho Nacional de Saúde.

E a mensagem que eu gostaria de deixar é que nossa ação deve ser feita tendo como motivação a transformação do sofrimento, em Alegria de Viver. Este é o maior poder que temos de transformar toda miséria social em riqueza total.

Referências

BARROS, José D' Assunção. *O Campo da História: Especialidades e Abordagens*. Petrópolis RJ: Vozes, 2004.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memórias e Famílias. Estudos históricos*. Rio de Janeiro, n°3, p.29,42, 1989.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (org.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, Campus, 1997.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnica para o trabalho Científico, que todo mundo pode saber, inclusive você: Explicações das Normas da ABNT. 15º Ed* – Porto Alegre: SN, 2006.

JUCA, Gisafran Nazareno Mota. *A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Ed. Loyola, 1976.

NEVES, Lucília de Almeida. *Memória e Sujeito: Substrato de Identidade*. In *Revista da Associação Brasileira de História Oral. Procedimentos e Possibilidades*. São Paulo: Humanas, 2001.

PIETRAFESA, Emília Godoi. *O Trabalho da Memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado. História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.